



Francisco Murteira Nabo
Bastonário

Um congresso no tempo certo

Subordinado ao tema central “A Nova Ordem Económica”, o III Congresso Nacional dos Economistas, a realizar na Madeira nos dias 22 e 23 de Outubro, surge num momento particularmente oportuno.

Atingido o pico da maior crise financeira/económica/social dos últimos 80 anos – e quando diferentes organismos internacionais fornecem indicadores quanto ao fim técnico da recessão – é chegada a altura de fazer um “balanço” competente do tempo que antecedeu a turbulência que só agora tende a amainar.

Antes de mais, importará analisar, com o possível rigor, a consistência da anunciada recuperação. Na verdade, o relativo optimismo de insti-

tuições como a OCDE, o FMI, o Banco Mundial ou, mesmo, a UNCTAD, é refreado por reputados especialistas mundiais, receosos dos efeitos, a prazo, da “receita” que permitiu conter a crise e evitar uma depressão profunda – isto é, as intervenções estatais, designadamente através da injeção de dinheiro no sistema financeiro. Há investigadores preocupados com uma eventual recaída – se não forem adoptadas medidas novas; se persistirem as velhas receitas; se não for acelerado o passo rumo a uma nova ordem económica.

Ora, é neste contexto, que considero da maior oportunidade a realização do III Congresso Nacional dos Economistas. O próprio tema não deixa dúvidas. Queremos antecipar a “Nova Ordem Económica”, queremos dar um contributo sério para as transformações que urge empreender em Portugal – sob pena de termos, também nós, uma recaída, agora que o ténue crescimento do segundo trimestre não pode deixar de constituir um lenitivo.

Por outro lado, o III Congresso constitui, também, uma boa oportunidade para a dinamização da nossa classe.

Com efeito, numa fase em que alguns sectores da sociedade portuguesa pretendem questionar o papel das Ordens profissionais, parece-me indispensável a sensibilização dos economistas para a relevância da sua organização.

Os economistas portugueses debatem-se com problemas de vária índole, alguns bem complexos, como o desemprego, que começa a atingir taxas preocupantes, e a formação, um aspecto que estamos a enfrentar.

No plano institucional, há questões da maior acuidade – desde logo o caso da “certificação”, de certo modo interligado com o Processo de Bolonha, assunto que tem merecido uma atenção muito particular por parte da Direcção.

Enfim, a conjuntura nacional e internacional, bem como os problemas específicos dos economistas portugueses, congregados na sua Ordem, são motivos bastantes para a participação no Congresso do Funchal. Um Congresso da maior oportunidade, que surge no tempo certo.